

CULTURA, MODERNIDADE E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: O ADVENTO DO CINEMA PERMANENTE EM DIVINÓPOLIS, MINAS GERAIS, 1890-1916

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral¹

Edimar Reni Anísio²

Divinópolis, MG, Brasil

RESUMO: Analisando jornais, livros de memorialistas, questionários agrícolas e censos estatísticos estaduais, este artigo tem como objetivo examinar as circunstâncias históricas que favoreceram o surgimento do cinema permanente no município de Divinópolis, Minas Gerais, em contexto marcado por dinamização demográfica e produtiva dos povoados rurais e processos modernizadores na sede urbana. A fim de expandir as possibilidades interpretativas sobre o assunto, o artigo procura contextualizar o cinema frente a um universo mais amplo de diversões, enfatizando as suas relações com a oferta cultural promovida por instâncias associativas e empresariais.

Palavras-chave: História. Cultura. Cinema. Divinópolis.

CULTURE, MODERNITY AND ECONOMIC DEVELOPMENT: THE ADVENT OF CINEMA IN DIVINÓPOLIS, MINAS GERAIS, 1890-1916

ABSTRACT: Examining newspapers, memorialist's books, agricultural questionnaires and state's statistical censuses, this article aims to examine the historical circumstances that favored the emergence of permanent cinema in the city of Divinópolis, Minas Gerais, in a context marked by demographic and productive dynamization of the rural villages and modernizing processes in the urban area. In order to expand the interpretive possibilities on the subject, this article seeks to contextualize cinema in the face of a broader universe of entertainment, emphasizing its relations with the cultural offers promoted by associative and business enterprises.

Keywords: History. Culture. Cinema. Divinópolis.

CULTURA, MODERNIDAD Y DESARROLLO ECONÓMICO: EL ADVENIMIENTO DEL CINE PERMANENTE EN DIVINÓPOLIS, MINAS GERAIS, 1890-1916

RESUMEN: Analizando periódicos, libros conmemorativos, cuestionarios agrícolas y censos estadísticos estatales, el propósito de este artículo es examinar las circunstancias históricas que favorecieron el surgimiento del cine permanente en el municipio de Divinópolis, Minas Gerais, en un contexto marcado por la demografía de la población. y dinamismo productivo y procesos de

¹ Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em História pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Licenciado em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: dvoamaral@gmail.com

² Licenciado em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Mestrando em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: edimatrix2000@yahoo.com.br

modernización en la sede urbana. Con el fin de ampliar las posibilidades interpretativas sobre el tema, el artículo busca contextualizar el cine frente a un universo más amplio del entretenimiento, enfatizando sus relaciones con la oferta cultural impulsada por los organismos asociativos y empresariales.

Palabras clave: Historia. Cultura. Cine. Divinópolis.

Introdução

O cinema foi uma das principais opções de divertimento no início do século XX em diferentes regiões do Brasil. Em Minas Gerais, no final da década de 1910, segundo fontes oficiais, estavam em funcionamento 252 estabelecimentos com cinematógrafos, oferecendo pelo menos uma exibição semanal para os moradores de 139 cidades e 72 distritos, o que, numa média, significa dizer que, aproximadamente, uma em cada quatro localidades mineiras já podia contar com um cinema permanente (MINAS GERAIS, 1926, p. 342). Assim, não nos surpreende o movimento historiográfico em curso nos últimos anos em Minas Gerais que, em maior ou menor grau, trouxe elementos explicativos sobre o surgimento ou o funcionamento de salas de cinema em cidades do interior, a exemplo de Barbacena, Campanha, Cataguases, Diamantina, Itajubá, Juiz de Fora, Montes Claros, Oliveira, Ouro Preto e São João del-Rei (SILVA, 2018; NOGUEIRA JÚNIOR, 2017; SOARES, 2018; OLIVEIRA, 2016; SILVA, 2012; AMARAL, 2016; BIBBÓ, 2017; SADI; ADÃO, 2011).

De outra parte, em que pese o crescente *corpus* bibliográfico, essas pesquisas são ainda pouco numerosas, visto a quantidade de trilhas que ainda precisam ser percorridas para uma interpretação mais panorâmica do cinema neste estado. Além disso, a maioria destes estudos está concentrada na investigação de diferentes processos envolvendo o cinema ou outras diversões públicas e comercializadas, dentro da égide das transformações urbanas das cidades. Ainda que, no ano de 1920, cerca de 73% dos habitantes das sedes dos municípios mineiros residiam em áreas rurais e 76% da mão de obra que declarava suas profissões estava empregada na exploração do solo (MINAS GERAIS, 1926, p. 926-931, 393-481), a inteligibilidade histórica dos emergentes fenômenos sociais é circunscrita nestes trabalhos ao que é tido como moderno e urbano (AMARAL, 2020). Como bem observou Cleber Dias (2020), a produção historiográfica sobre a cultura, o lazer e o esporte em regiões da hinterlândia brasileira parece usar, como uma espécie de cânone já instituído, os valores dos centros metropolitanos, isto é, “tenta-se encontrar nos ambientes rurais ou pouco urbanizados as características típicas das grandes cidades” (p. 32).

Com a intenção mais geral de escapar desses lugares-comuns e ampliar o arcabouço histórico por meio do qual usualmente se enquadra o estudo da oferta e consumo do lazer no Brasil, este artigo, analisando jornais, livros de memorialistas, questionários agrícolas e censos estatísticos estaduais, tem como objetivo examinar as circunstâncias históricas que favoreceram o surgimento do cinema permanente no município de Divinópolis, Minas Gerais, em contexto marcado por dinamização demográfica e produtiva dos povoados rurais e processos modernizadores na sede urbana. A fim de expandir as possibilidades interpretativas sobre o assunto, o artigo procura contextualizar o cinema frente a um universo mais amplo de diversões, enfatizando as suas relações com a oferta cultural promovida por instâncias associativas e empresariais.

Cinema ambulante e cinema permanente em Divinópolis

Na primeira semana de julho de 1906, a Empresa Tiradentes, de propriedade do Sr. Carlos Leal, após exibir um “moderníssimo aparelho cinematográfico” na cidade de Itapeçerica, visitou a sede do município de Oliveira com a promessa de, por alguns dias, deliciar o público oliveirense com “vistas magníficas” (GAZETA DE MINAS, 1 de julho de 1906, p. 2). Encerrada a curta estadia, o empresário partiu com o seu cinematógrafo para um novo destino não informado pela imprensa local, retornando a Oliveira no dia 8 de setembro para uma segunda temporada de exhibições. Segundo um cronista do jornal *Gazeta de Minas*, a qualidade do aparelho e as novidades e belezas projetadas no palco do Teatro Municipal agradaram imensamente ao público “que gosta de apreciar o que é bom” (GAZETA DE MINAS, 9 de setembro de 1906, p. 2).

Nessa época, o interior de Minas Gerais era percorrido, com alguma frequência, por companhias itinerantes de teatro, circo, tourada, fantoches, música, ilusionismo, prestidigitação e cinematógrafo, muitas vezes sem uma distinção clara entre os gêneros de espetáculos, cuja permanência nas localidades mineiras poderia oscilar de alguns poucos dias até vários meses, em certos casos. “O gênero do espetáculo, o tamanho das companhias e a receptividade do público eram alguns dos principais fatores que pareciam determinar a extensão da estadia de tais companhias” (AMARAL; DIAS, 2017, p. 249).

A inauguração de linhas ferroviárias em alguns pontos de Minas Gerais no final do século XIX parece ter facilitado as possibilidades de ofertas de espetáculos desse tipo. No caso mais específico do Oeste mineiro, região que recebeu a turnê da Empresa Tiradentes, pesquisas recentes têm demonstrado que a inauguração e subsequente ampliação dos ramais da Estrada de Ferro Oeste de Minas possibilitaram aos empresários ambulantes um transporte de pessoas e materiais mais rápido, seguro, previsível e confortável, além de custos menores, colocando cidades, vilas e distritos de acesso antes mais difícil, nas rotas de exploração comercial de alguns espetáculos (XAVIER; AMARAL; DIAS, 2019).

No município de Divinópolis, uma estação da Estrada de Ferro Oeste de Minas foi inaugurada no ano de 1890, integrando a localidade em circuitos de comércio de espetáculos. Isso não significa dizer que, antes da ferrovia, empresários do ramo do entretenimento não tivessem visitado o município. Eventualmente, alguma companhia poderia ter se arriscado em veículos de tração animal pelas estradas precárias do Oeste mineiro.³ De outra parte, porém, com a interiorização dos trilhos da EFOM, esse tipo de visita tornou-se bem mais frequente. No caso dos circos, o número de companhias circulando pelo interior mineiro triplicou a partir da década de 1890, período que coincide com a ampliação da malha ferroviária por várias regiões do estado (XAVIER; AMARAL; DIAS, 2019). Não por acaso, o itinerário de quase todos os circos que ofereceram espetáculos no Oeste de Minas Gerais na transição dos séculos XIX e XX incluíam cidades atendidas por ferrovias (XAVIER; AMARAL; DIAS, no prelo).

De acordo com registros de memorialistas e de edições do jornal *Gazeta de Minas* - publicado a partir de 1887 na cidade de Oliveira, com acervos atualmente disponíveis *on-line*⁴ -

³ Segundo relatos do paulista Joaquim Almeida Leite de Moraes que percorreu, nessa mesma época, a região Oeste de Minas Gerais, as estradas, depois das chuvas, pareciam “rios de lama”, onde era comum encontrar carros atolados na lama (MORAES, 1995, p. 21-22).

⁴ <http://acervo.izap.com.br/>

empresas exibidoras ambulantes excursionaram por Divinópolis e por nucleações adjacentes, divulgando a novidade cinematográfica. Por volta de maio de 1906, por exemplo, o proprietário da companhia de cavalinhos de pau e barquinhos, o Sr. Antenor de Sousa, exibiu seu “irresistível animatógrafo” no salão baixo da Câmara Municipal de Oliveira e no sobrado do Largo da Matriz de Divinópolis (GAZETA DE MINAS, 20 de maio de 1906, p.1; AZEVEDO; AZEVEDO, 1988, p. 90). Outras empresas de exibição ambulante, a exemplo da Empresa Tiradentes (1903 e 1906), da Empresa Animatógrafo (1906) e da Empresa Faleiro & C. (1909), também fizeram turnês por algumas localidades do Oeste mineiro (GAZETA DE MINAS, 30 de agosto de 1903, p. 1; GAZETA DE MINAS, 1 de julho de 1906, p. 2; GAZETA DE MINAS, 8 de abril de 1909, p. 2).

A chegada de companhias ambulantes transfigurava, em alguma medida, o cotidiano dos lugarejos incrustados nos recônditos de Minas Gerais (DUARTE, 1995). É certo que um rico calendário de jogos e festas cívicas e religiosas, da elite e populares, públicas e privadas já agitava as sociabilidades tradicionais das pequenas nucleações mineiras (PERES *et al.*, 2018). Nada obstante, os espetáculos fílmicos, assim como outros gêneros de espetáculos itinerantes, diferente das diversões tradicionais, carregam, em razão de supostas ligações com as mais novas modas deflagradas nos grandes centros do Brasil e da Europa, uma expectativa imaginária de sofisticação comportamental, o que era objeto de desejo das elites de praticamente todo o interior brasileiro em princípios do século XX (CORRÊA; DIAS, 2020).

No final do século XIX, Divinópolis era um pequeno distrito do município de São Bento do Tamanduá, denominado Espírito Santo do Itapecerica, cuja população distrital, em 1872, era de 5.293 moradores, segundo dados oficiais do poder público estadual (MINAS GERAIS, 1926, p. 20). Para dimensionar, o Rio de Janeiro, capital política do país, contava, nessa época, com uma população acima de 270 mil habitantes, ou seja, quase 54 vezes maior que o município. Não foram encontradas fontes documentais com dados sobre a divisão dos moradores que residiam na sede municipal e nas povoações rurais nos anos finais do século XIX. Sabe-se, contudo, que diversas povoações compunham o território do município, concentrando a dinâmica demográfica e de mão de obra. Isso por efeito do setor produtivo ser estruturado a partir de uma economia rural ancorada no abastecimento local (que ainda não era autossuficiente) e na venda de um pequeno volume de gêneros de subsistência, sobretudo toucinho, para centros consumidores (BARBOSA; SOUZA, 2015). Em 1923, quando dispomos de dados mais detalhados, o município de Divinópolis, além da área urbana, era constituído dos seguintes povoados: “Cachoeirinha, Costas, Ferrador, Mata, Choro, Branquinhos, Gafanhoto, Vazes, Usina de Cachoeira, Cacoco, Pary, Cemitério, Fortaleza, Guryta, entre outros” (AMARAL; DIAS, 2017, p. 242).

Na incipiente parte urbana que, segundo relatos de memorialistas, era constituída de algumas poucas casas espalhadas pelo Largo da Igreja Matriz e em “ruetas” nas suas imediações (GONTIJO, 1995, p. 15), um pequeno comércio servia como uma espécie de entreposto para o atendimento das demandas provenientes dos moradores e trabalhadores rurais. Tal como foi observado pelo historiador Alexandre Cunha (2009), nas pequenas nucleações do interior mineiro, vida urbana só acontecia, efetivamente, quando as populações rurais se dirigiam para as sedes citadinas, o que era feito com maior intensidade nos finais de semana por ocasião das festas e missas católicas. Nos principais festejos religiosos, “cidadezinhas vazias” eram tomadas de “movimento e agitação” com a chegada dos moradores rurais e, até mesmo, não raramente, de visitantes de municípios circunvizinhos. Em junho de 1895, por exemplo, um correspondente de Itapecerica publicou uma pequena nota no jornal *Gazeta de Minas* dizendo que grande parte do

povo daquela cidade “bateu a linda plumagem para a pitoresca e florescente freguesia do Espírito Santo, a fim de assistir os festejos que ali se celebram em honra à santíssima Virgem e ao Divino Espírito Santo” (GAZETA DE MINAS, 2 de junho de 1895, p. 3).

É neste contexto que companhias ambulantes, o que inclui empresários especializados em exhibições cinematográficas, valendo-se das facilidades da ferrovia, desembarcavam em Divinópolis comercializando espetáculos, preferencialmente nos dias santos e finais de semana, momento em que havia maior movimentação de pessoas na sede urbana, embora, nos dias comuns, espetáculos também poderiam acontecer com um público aparentemente reduzido. Por certo, essas companhias representavam uma das únicas oportunidades de consumo desses tipos de espetáculos, situação que contrasta com a realidade lúdica dos maiores centros urbanos do país onde o mercado do entretenimento já era bem estruturado. No centro Fluminense, por exemplo, uma atmosfera urbana capitalizava de forma privilegiada as guinadas culturais evocadas pelo universo europeu (SEVCENKO, 1998). Cafés, teatros, hipódromos, bibliotecas, boliches, riques de patinação, passeios públicos e jardim zoológico eram algumas das atividades lúdicas que ofereciam um intenso movimento social de comercialização de diversões ou de espetáculos públicos.⁵ Um ambiente bastante diferente daquele vivido pelos moradores de Divinópolis que conviviam, naquela virada para o século XX, com um cenário urbano desprovido de inovações no ramo do entretenimento.

Depois de 1890, momento da inauguração de um trecho da Estrada de Ferro Oeste de Minas que chegava até a sede do município, mudanças estruturais parecem ter se processado paulatinamente na região, especialmente no que diz respeito ao favorecimento do transporte de produtos agropecuários, comercializados depois com outros centros urbanos. A conexão entre a EFOM e a Estrada de Ferro Central do Brasil, que partia do Rio de Janeiro, proporcionava uma ligação com o maior e principal mercado consumidor do país no período. Na verdade, a motivação para a construção de estradas de ferro relacionava-se com as pretensões de incrementar o transporte de gêneros agrícolas e pastoris para o mercado nacional ou internacional de exportação, além de favorecer o escoamento de manufaturas em direção às regiões de produção rural (TENÓRIO, 1996; LIMA, 2009).

Logo, o município experimentou um pequeno crescimento do seu setor produtivo. No final da década de 1900, segundo dados fornecidos pelo serviço de inspeção e defesa agrícola de Minas Gerais, a produção rural de Divinópolis, ainda que pequena, era suficiente para atender toda a demanda interna, gerando algum excedente de cereais, açúcar, rapadura, porcos, toucinho, aves, ovos e gado bovino para exportação.⁶

Tendências de transformações econômicas mais rápidas e impactantes manifestaram-se de modo mais perceptível depois do ano de 1910, quando foi inaugurado um entroncamento da Estrada de Ferro Oeste de Minas que ampliou a conexão do município com importantes centros do país (CORGOZINHO, 2003, p. 69-70). Dois processos que se desenrolaram na esteira do novo entroncamento parece ter sido decisivos para que o antigo distrito do Espírito Santo do Itapecerica, elevado à condição de município emancipado em 1911, sofresse uma espécie de surto agropecuário: o primeiro foi a crescente demanda por gêneros de subsistência dos dois maiores centros urbanos da região Sudeste, nomeadamente Rio de Janeiro e São Paulo, cujas populações

⁵ Sobre o mercado do entretenimento no Rio de Janeiro, ver (DIAS, 2018; MARTINS, 2014; ARAÚJO, 1993).

⁶ Em 1909, a produção dos principais gêneros agrícolas do município foi contabilizada em 4 mil sacos de milho, 4 mil sacos de feijão, 12 mil alqueires de arroz e 7 mil arrobas de café (MINAS GERAIS, 1913, p. 187-189).

e atividade industrial se dinamizavam enormemente (MORAES, 2001); já o segundo tem a ver com os impactos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que provocaram uma forte retração das importações brasileiras de bens de consumo, alimentos, manufaturas e insumos para as indústrias, além de gerar novas demandas de abastecimento de gêneros como carnes congeladas, banha, açúcar refinado ou tecidos para os países aliados envolvidos com o conflito bélico.⁷

No ano de 1920, Divinópolis, segundo dados da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, possuía 508 estabelecimentos rurais dedicados à produção de diferentes itens agropecuários, além de um rebanho de 20.853 cabeças de gado e aves. Neste mesmo ano, a exportação do município alcançou a marca de 750 toneladas de milho, 720 toneladas de arroz (metade beneficiado e metade com casca), 640 toneladas de feijão, 90 toneladas de farinha de mandioca, 48 toneladas de banha, 47 toneladas de algodão (quase tudo em caroço, mas algum descaroçado), 45 toneladas de toucinho, 27 toneladas de polvilho, além de 15 mil metros cúbicos de lenha, 30 mil dúzias de ovos e quase 13 mil cabeças de bois, aves e porcos (MINAS GERAIS, 1926, p. 741). Toda esta produção foi acompanhada por um importante crescimento populacional e de trabalhadores nos povoados rurais. Por volta de 1920, o contingente demográfico do município saltou para 10.305 (um crescimento de quase 88% quando comparado com o final do século XIX), dos quais quase 70% residiam nas áreas rurais e 64% da mão de obra que declarava que a profissão estava empregada na “exploração do solo”.⁸

No setor industrial, diversos pequenos empreendimentos foram inaugurados, muitos deles ligados à produção agropecuária dos povoados rurais. No decorrer da década de 1910, é possível encontrar em fontes jornalísticas e censos da indústria estadual registros de atividades fabris de produção de manteiga, queijo, banha, açúcar, cerveja, doces, sabão, além de beneficiadores de café e arroz, serraria, fábrica de fogos e uma oficina da Estrada de Ferro Oeste de Minas (GAZETA DE MINAS, 15 de fevereiro de 1914, p. 1; MINAS GERAIS, 1926, p. 255). Para este último, com o objetivo de abrigar os familiares dos trabalhadores da ferrovia envolvidos na manutenção das locomotivas e fabricação de peças de reposição, foi edificada uma vila operária com 49 residências e uma escola mista de ensino primário. Cabe destacar que o entroncamento ferroviário, com sede em Divinópolis, fez do município um ponto relativamente importante para a distribuição de produtos e circulação de pessoas. Prova disso é que, em 1920, foram transportados de Divinópolis pelos vagões da Estrada de Ferro Oeste de Minas 4,6 mil toneladas de mercadorias, quase 230 toneladas de bagagens, 1.764 animais, além de 33.232 passageiros (AMARAL; DIAS, 2017, p. 245-246).

No bojo dos processos de crescimento populacional e intensificação das atividades agropecuárias e fabris, nas quais a remuneração do trabalho oportunizava, ao menos em tese, um mercado consumidor maior, comércios e serviços urbanos tiveram que aprimorar suas estruturas para atender às novas demandas. No ano de 1920, já havia 60 casas comerciais e de depósitos oferecendo serviços no município (MINAS GERAIS, 1926, p. 809), destacando-se, conforme anúncios veiculados nos primeiros jornais de Divinópolis, fundados entre os anos de 1914 e 1916,⁹

⁷ Para uma discussão sobre os impactos na cadeia produtiva rural de algumas nucleações do Oeste mineiro, provocados pelo crescimento populacional da região Sudeste e pelos conflitos da Primeira Guerra Mundial, ver Amaral (2020).

⁸ Mais precisamente, o número de população rural de Divinópolis em 1920 era de 7.053 moradores. Já o número de trabalhadores que declaram suas profissões eram distribuídos da seguinte forma: 2.023 na exploração do solo, 334 na indústria, 165 no comércio e 147 no transporte (MINAS GERAIS, 1926, p. 420, 927).

⁹ De acordo com relatos de memorialistas, os primeiros jornais fundados em Divinópolis foram: *A Prova* (1914),

sapatarias, armazéns, alfaiatarias, tipografias, ourives, farmácias, hotéis, restaurantes, padarias e confeitarias. Nessa época, segundo tabelas de impostos, ofereciam seus serviços, entre outros profissionais, médicos, dentistas, advogados, fotógrafos, relojoeiros, afinadores de piano e banqueiros de companhias de seguro (DIVINÓPOLIS, 21 de maio de 1916, p. 5; DIVINÓPOLIS, 28 de maio de 1916, p. 3; DIVINÓPOLIS, 4 de junho de 1916, p. 3). Na esteira dessa dinamização do comércio e serviços, o número de moradores urbanos, no decorrer da década de 1910, saltou de 2.000 para 3.252 (um aumento de quase 63%) e o número de imóveis urbanos saltou de 300 para 526 (um aumento de quase 76%) (MINAS GERAIS, 1913, p. 187-189; MINAS GERAIS, 1926, p. 927).

Inteiramente em conformidade com o ideário de progresso da época, autoridades políticas locais, aproveitando-se da relativa prosperidade financeira da recém-criada Câmara Municipal (115% de aumento das receitas públicas entre os anos de 1912 e 1920), deflagraram várias ações para ordenar e melhorar a sede municipal. A principal foi a edificação de um novo centro nas imediações do entroncamento ferroviário, onde a maioria dos melhoramentos urbanos estiveram concentrados. A maior parte da cidade, entretanto, permaneceu sem intervenções urbanísticas de qualquer tipo e, mesmo no novo centro, que recebia maiores atenções reformistas, certas ambiguidades seriam registradas, sendo a presença de animais a que mais explicitamente contrariava todo o empenho em se criar uma ambiência moderna e civilizada ali, em conformidade com os centros mais adiantados do país (AMARAL; DIAS, 2017).

Não demorou para que, ao lado da expansão econômica e demográfica dos setores rural e urbano, empreendimentos para a cultura e o lazer tivessem lugar, sobretudo no novo centro urbano. Utilizadas como recursos simbólicos para realizar expectativas imaginárias a respeito do grau de civilidade de uma cidade, o surgimento de novas formas de diversões servia, a um só tempo, como recurso econômico, gerando renda para empresários, ao mesmo tempo em que dramatizava os desejos das elites letradas de regiões do interior do Brasil que reivindicavam, nas páginas da imprensa, por práticas tidas como mais sofisticadas. A imprensa, aliás, era parte fundamental de uma nova e moderna escala de valores e sentimentos, lançando luz sobre as realizações que deveriam ser celebradas por serem marcos de progresso comportamental e da estrutura urbana, bem como aquelas que deveriam ser condenadas por representarem costumes supostamente atrasados (DIAS, mimeo).

Bares, cafés e salões que se instalaram na parte nova da cidade com a oferta de bebidas, comidas, bilhares e até mesmo exposições de artes passaram a oferecer, diariamente, oportunidades de diversões. Podemos citar, por exemplo, dois estabelecimentos que receberam anúncios na imprensa entre os anos de 1916 e 1917, quais sejam o Bar Pauliceia e o Salão High-Life. Este último, o próprio nome já denuncia suas pretensões de sofisticação. No mesmo período, tivemos: o surgimento do primeiro clube de futebol, o *Divinópolis Foot-Ball Club*, fundado nos primeiros meses de 1916, com seu campo inaugurado em junho de 1917 na parte alta do novo centro; a organização dos primeiros festejos do carnaval veneziano, com o desfile de blocos, cordões e carros alegóricos; e, ainda, a criação de associações recreativas, literárias e musicais, a exemplo do Clube Literário 1º de Junho (1915), da Lira Santa Cecília (1915), do Clube Recreativo Democrata (1916) e da Banda Musical Oeste de Minas (1916), que ofereciam piqueniques, bailes e outros divertimentos para seus sócios (AMARAL; DIAS, 2017; AMARAL,

Divinópolis (1916), *Folha de Minas* (1916) e *O Filhote* (1916) (GONTIJO, 1995, p. 33-35).

2017; BARBOSA; PIRES, 2015).

Nos primeiros dias de janeiro de 1914, outra associação civil foi organizada. Tratava-se, mais precisamente, do Clube Decemvirato que, logo após o comunicado oficial de sua criação, encaminhou, por intermédio do seu presidente, o farmacêutico Pedro Xavier Gontijo, um requerimento para a Câmara de Vereadores solicitando a doação por parte do poder público municipal de um terreno na parte nova, no intuito de edificar uma casa de espetáculos, o que foi aprovado por unanimidade. Com uma capacidade de 300 espectadores, o Teatro Municipal, inaugurado no início de 1916, foi arrendado pelo Clube Decemvirato, que instalou ali a primeira sala de cinema permanente de Divinópolis (MINAS GERAIS, 1926, p. 324). Depois disso, já não seria mais preciso esperar a passagem de empresários ou companhias itinerantes para ter oportunidades de consumir estes tipos de espetáculos.

A empresa administradora da nova casa de diversões passou a oferecer exibições filmicas todos os finais de semana, não sem razão, quando o contingente de moradores urbanos era grandemente crescido pelos moradores e trabalhadores das povoações rurais, congregando, também, outros gêneros de espetáculos, como fora comum nos primórdios do cinema.¹⁰ Entre os anos de 1916 e 1917, a imprensa local anunciou, além das projeções, espetáculos de amadores locais, das companhias Trupe Ferreira Silva e Trupe Variedades, e da artista lírica Onelia Menzatri (DIVINÓPOLIS, 27 de agosto de 1916, p. 3; DIVINÓPOLIS, 18 de março de 1917, p. 4; DIVINÓPOLIS, 25 de novembro de 1917, p. 3; DIVINÓPOLIS, 15 de julho de 1917, p. 1).

Longe de ser comparado com grandes centros urbanos, como a capital mineira Belo Horizonte, onde, no final da década de 1910, os cinemas Odeon, Pathé, Comércio, América, Popular e Floresta ofereciam, cada um, 14 sessões semanais (MINAS GERAIS, 1926, p. 333), as exibições do cinematógrafo de Divinópolis, por mais precárias que fossem (apenas um cinema com duas exibições semanais), eram, em grande medida, resultado das atividades de produção rural. Em outras palavras, o desenvolvimento de uma economia, quase inteiramente sustentada por atividades agrícolas e pastoris, parece ter sido um dos principais aspectos a criar condições para o surgimento do cinema permanente e de outras diversões públicas ou comercializadas na sede do município.

Todavia, o surgimento do cinema permanente de Divinópolis não foi um desdobramento inevitável do desenvolvimento econômico dos setores rurais. Mais que isso, era necessário também, entre outros aspectos a exemplo da disponibilidade do tempo livre, escolaridade, infraestrutura para espetáculos ou, ainda, índices de preços na oferta de produtos e serviços de lazer (AMARAL; DIAS, 2017), um esforço deliberado de atores sociais que, além de enxergarem lucro na exploração comercial dessas iniciativas, explicitavam seus desejos de introduzir, na vida cotidiana, práticas que estivessem conectadas a um ideal de progresso dos costumes (AMARAL; DIAS, 2019). Isso ajuda a entender a intensa movimentação cultural de pessoas como o farmacêutico Pedro Xavier Gontijo que, além de ser um dos proprietários da empresa administradora do cinema, era proprietário do jornal *Divinópolis* e presidente dos clubes Decemvirato e *Divinópolis Foot-Ball Club*.

¹⁰ A combinação das projeções com outras práticas ou formas de espetáculos que, num primeiro momento, foram determinantes para a sobrevivência do cinema ambulante, manteve com sua tradição mista, isto é, cinema e outros gêneros de diversão, mesmo depois das instalações de salas fixas (SOUZA, 2003).

Considerações finais

Ao longo da década de 1910, o município de Divinópolis foi palco de um surto agropecuário das povoações rurais, cuja expansão econômica se desdobrou no crescimento demográfico, ações modernizadoras no novo centro e uma pequena ampliação e diversificação das modalidades de lazer e dos estabelecimentos comerciais de entretenimento da população. O surgimento do cinema permanente nos primeiros meses de 1916, que tirou a exclusividade de exibições dos empresários e companhias ambulantes, ocorreu dentro de um contexto modernizador que combinava dimensões aparentemente contrastantes, quer dizer, o trabalho e a moradia rural com as fruições de diversões na parte urbana do município.

Com efeito, essas constatações contribuem para inverter o papel das pequenas nucleações do interior do Brasil nos processos de impulso do setor de entretenimento urbano. De meras cópias do esforço civilizador deflagrados nos grandes centros urbanos, a análise do surgimento do cinema permanente no município de Divinópolis revelou, em alguma medida, seu protagonismo e sua pujança social. Esperamos que as falhas e lacunas deste trabalho, inscritas num curto recorte temporal, encorajem o empreendimento de novas pesquisas históricas que, igualmente, colaborem para o espraiamento de investigações sobre o cinema e outras diversões nos recônditos do Brasil.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. “*À mania intoxicadora*”: introdução clubística e consolidação dos sentidos de competitividade do foot-ball no Centro-Oeste mineiro (1888-1930). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, 2016.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. História do futebol em Divinópolis – MG: cavalheirismo e integração regional (1916-1930). *FuLiA*, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 90-111, 2017.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. Lazer, mercado do entretenimento e circuitos futebolísticos nos sertões de Minas Gerais, 1888-1925. Tese (Doutorado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Lazer e mercado do entretenimento em uma cidade rural de Minas Gerais. *Revista Locus*, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 62-85, 2019.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890- 1920. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237-261, 2017.

ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rococo, 1993.

AZEVEDO Francisco Gontijo; AZEVEDO Antonio Gontijo de. *Da história de Divinópolis*. Belo Horizonte: Graphilivros, 1988.

BARBOSA, Faber Clayton; PIRES, João Ricardo Ferreira. As bandas e a música urbana: a banda do Largo da Matriz e as bandas de música da cidade de Divinópolis no início do século XX. *In*: CATÃO, Leandro Pena; PIRES, João Ricardo Ferreira; CORGOZINHO, Batistina de Sousa (Org.). Divinópolis: história e memória, v.3. Economia e Cultura. Belo Horizonte: Crisálida, 2015. p. 212-237.

BARBOSA, Faber Clayton; SOUZA, Karine Mileibe. Arraial do Espírito Santo do Itapeçerica: muito mais que um lugar de passagem, o embrião da Manchester do oeste de Minas. *In*: CATÃO, Leandro Pena; PIRES, João Ricardo Ferreira; CORGOZINHO, Batistina de Sousa (Org.). Divinópolis: história e memória – volume 3: Economia e Cultura. Belo Horizonte: Crisálida, 2015. p. 69-100.

BIBBÓ, Caroline Bertarelli. **Divertimentos em Ouro Preto no final do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CORGOZINHO, Batistina Maria de Souza. **Nas linhas da Modernidade: a passagem do tradicional ao moderno no centro-oeste de Minas Gerais**. Divinópolis: FUNEDI, 2003.
CORRÊA, Joyce Nancy da Silva; DIAS, Cleber. Esporte, lazer e cultura no Acre, c. 1907-1920. *In*: DIAS, Cleber (Org.). **Depois da Avenida Central: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020. p. 111-151.

CUNHA, Alexandre. Mendes. O urbano e o rural em Minas Gerais entre os séculos XVIII e XIX. **Cadernos da Escola do Legislativo**, Belo Horizonte, v.11, n. 16, p.57-70, 2009.

DIAS, Cleber. Cultura, lazer e esportes no mundo rural – uma introdução. *In*: DIAS, Cleber (Org.). Depois da avenida Central: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020. p. 11-45.

DIAS, Cleber. Esporte e lazer em Ilhéus na Primeira República (c. 1889-1930). Mimeo.

DIAS, Cleber. Mercantilização do lazer no Brasil. *Licere*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 364-403, 2018.

DIVINÓPOLIS, 21 de maio de 1916, p. 5.

DIVINÓPOLIS, 28 de maio de 1916, p. 3.

DIVINÓPOLIS, 4 de junho de 1916, p. 3.

DIVINÓPOLIS, 27 de agosto de 1916, p. 3.

DIVINÓPOLIS, 18 de março de 1917, p. 4.

DIVINÓPOLIS, 15 de julho de 1917, p. 1.

DIVINÓPOLIS, 25 de novembro de 1917, p. 3.

DUARTE, Regina Horta. Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Campinas: Unicamp, 1995.

- GAZETA DE MINAS, 2 de junho de 1895, p. 3.
- GAZETA DE MINAS, 30 de agosto de 1903, p. 1
- GAZETA DE MINAS, 20 de maio de 1906, p. 1.
- GAZETA DE MINAS, 1 de julho de 1906, p. 2.
- GAZETA DE MINAS, 9 de setembro de 1906, p. 2.
- GAZETA DE MINAS, 8 de abril de 1909, p. 2.
- GAZETA DE MINAS, 15 de fevereiro de 1914, p. 1.
- GONTIJO, Pedro X. História de Divinópolis. Divinópolis: Sidil, 1995.
- LIMA, Pablo Luiz de Oliveira. *Ferrovia, sociedade e cultura, 1850 – 1930*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.
- MARTINS, William de Souza Nunes. **Paschoal Seguro**: “ministro das diversões” do Rio de Janeiro (1883-1920). Rio de Janeiro: Autografia, 2014.
- MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. **Anuário Estatístico**. Ano I (1921), v. I, II, III, IV, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.
- MINAS GERAIS. **Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola do Estado de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Tipografia do Serviço de Estatística, 1913.
- MORAES, J. A. Apontamentos de viagem (de São Paulo à capital de Goiás, desta à do Pará, pelos rios Araguaia e Tocantins, e do Pará à corte. Considerações políticas e administrativas) [1883]. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.
- MORAES, José Geraldo Vinci. **Cidade e cultura urbana na primeira república**. São Paulo: Atual, 2001.
- NOGUEIRA JÚNIOR, João Martins. **Uma história dos divertimentos do sul mineiro**: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930). Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- OLIVEIRA, Renata Cristina Simões de. O teatro e algumas diversões em Diamantina: uma história registrada pela imprensa (1888-1915). Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- PERES, Léa Freitas *et al.* **Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX**: compêndio de citações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- SADI, Renato Sampaio; ADÃO, Kleber do Sacramento (orgs.). **Lazer em São João del-Rei**: aspectos históricos, conceituais e políticos. São João del-Rei: UFSJ, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.) **História da Vida Privada no Brasil**: República: da Belle Époque a Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 513-619.

SILVA, Igor Maciel da. Elas se divertem (Barbacena – MG, 1914 a 1931). Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, Luciano Pereira da. **Em nome da modernidade**: uma educação multifacetada, uma cidade transmutada, um sujeito inventado (Montes Claros, 1889-1926). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SOARES, Priscila Gonçalves. História das práticas corporais e diversão na Zona da Mata mineira: indícios a partir da imprensa de Cataguases/MG e Juiz de Fora/MG. Licere, Belo Horizonte, v. 21, n. 4, p. 405-428, 2018.

SOUZA, José Inácio de Melo. *Imagens do passado*: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema. São Paulo: Senac São Paulo, 2003.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **Capitalismo e ferrovias no Brasil**. Curitiba: HD livros, 1996.

XAVIER, Rosana Daniele; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS Cleber. Cultura, ferrovias e desenvolvimento econômico: circos em Minas Gerais no final do século 19. **Revista de História Regional**, v. 24, n. 1, p. 135-159, 2019.

XAVIER, Rosana Daniele; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS Cleber. Repertórios circenses e ferrovias: um estudo sobre o Oeste de Minas Gerais, c. 1890-1920. **Revista Repertório**, Salvador. No prelo.

Endereço para correspondência

Avenida Ipiranga, 31, Apto. 301, Manoel Valinhas
Divinópolis, Minas Gerais
CEP: 35030-440

Recebido em:
26/02/2021
Aprovado em:
04/11/2021